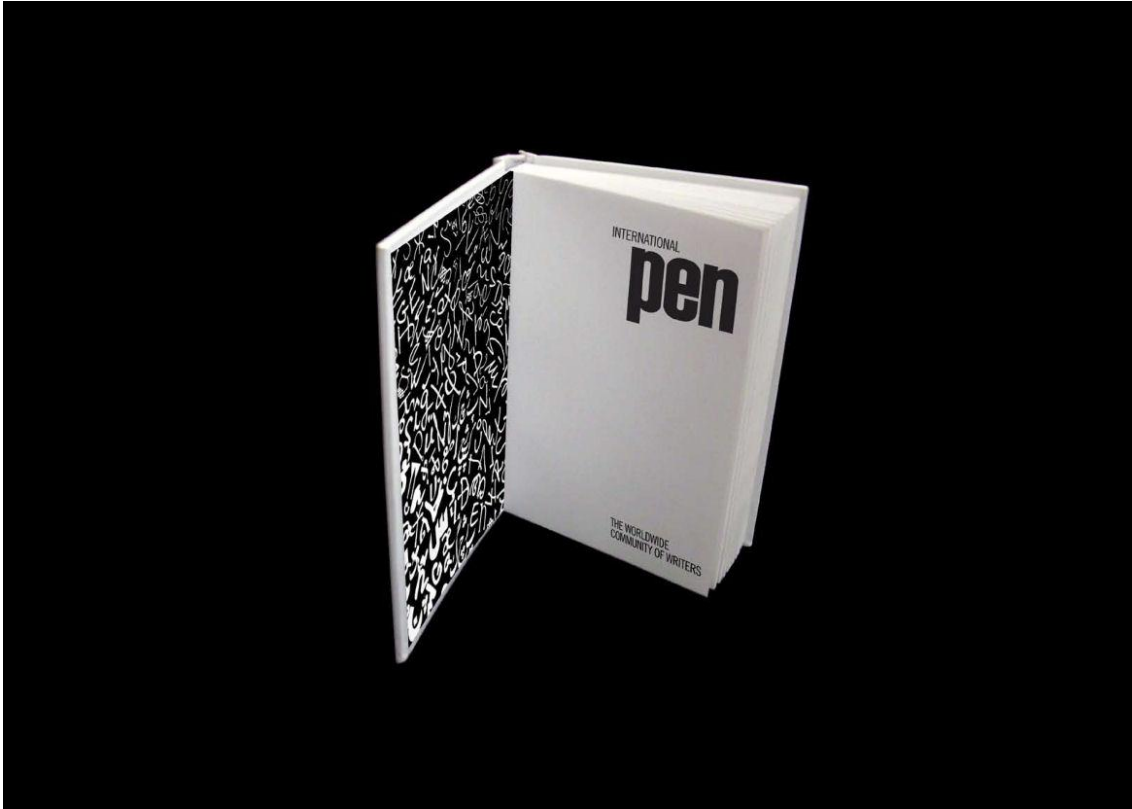


Boletim informativo

PENport 2010



Teresa Salema: Círculos que se fecham, trilhos que se abrem

Completa-se aqui um ciclo, que quisemos assinalar com um Boletim Informativo único. Por várias razões, não foi possível continuar o modelo da *newsletter* PENinsula, mesmo tendo recebido a aprovação de numerosos sócios. Pretendemos um boletim mais interactivo, que estimule os sócios a enviarem textos curtos.

Este boletim situa-se assim numa fase de remodelação do nosso site e absorve materiais entretanto reunidos para um número do PENinsula que não chegou a realizar-se. A periodicidade do novo boletim também está em questão, sendo o modelo semestral, adoptado por numerosos Centros PEN, mais compatível com uma associação do nosso tipo. O novo nome (PENport) é uma mera sugestão sobre a qual gostaríamos que os sócios se pronunciassem (como com todo o correio, para o endereço geral@penclubportugues.org).

Neste boletim extraordinário, pretendemos concluir a evocação dos 20 anos do 55^a Congresso do PEN Internacional, também fazendo jus à belíssima respiração do texto de David Mourão-Ferreira sobre a temática que presidiu ao mesmo Congresso do PEN

no Funchal em 1990. Com eles se continua o ciclo da nossa memória, simultaneamente tão próxima e distante, dessa grande reunião de amigos.

Outro ciclo que se fecha é a revisão dos estatutos, processo que como tudo o que implica burocracia se está a revelar mais moroso do que seria de esperar e desejar. Contamos que esteja em breve terminado, permitindo-nos continuar a dinamizar o PEN. E em breve partiremos para outra reforma que acontecimentos ocorridos demonstraram ser essencial: a elaboração de um regulamento eleitoral, que contamos apresentar para ser discutido e aprovado na próxima Assembleia-geral.

Com os estatutos revistos, adquiriremos novos impulsos para continuar a envolver um número de sócios que se quer o maior possível e que articulem o seu trabalho com o que os actuais órgãos associativos têm desenvolvido e pretendem continuar a desenvolver. Precisamos dos vossos estímulos, críticas e sugestões. O PEN é sobretudo uma organização de causas, que se têm vindo a acentuar de há quase oitenta anos até agora. Se a figura do escritor perseguido tem vindo a ser substituída pela do jornalista, as causas que se têm adicionado de estão para cá á dos escritores impedidos de usar livremente a sua palavras como ferramenta têm legitimado a diversificação da acção do PEN a nível nacional e internacional.

Assim sendo, vimos este ano abertos novos trilhos. Na reunião do Comité de Escritores para a Paz, em Bled (de que é dada notícia nestas páginas), foi decidida uma cooperação mais estreita entre os Comités, nomeadamente entre aquele e o Comité de Tradução e Direitos Linguísticos. No encontro deste último em Barcelona (igualmente noticiado no interior destas páginas), defendi a necessidade de fazer esforços para criar novas linguagens promotoras da paz, interrogando-me se na defesa de línguas minoritárias não poderia ser reservado ao inglês um papel de língua-charneira que permitisse uma multiplicação de edições bilingues.

Neste espírito, inaugurámos no Outono, em cooperação com a Biblioteca-Museu da República e Resistência, um ciclo de palestras subordinadas ao tema Poesia e Liberdade, repensando assim o que nos une ao passado que permitiu a actual democracia (imperfeita, até porque jovem – que são 36 anos na história de uma nação?) e o que nos articula fraternamente com colegas por esses Centros do mundo fora.

Sobre o 75º Congresso anual de Tóquio e o encontro de escritores em Haifa (este último, pela complexidade das relações israelo-palestinianas, não suportado pelo PEN Internacional e realizado a convite da Câmara Municipal daquela cidade, sendo as viagens inteiramente custeadas pelos participantes), foi colocada informação nos blogs <http://graphias.penclubportugues.org> e <http://permanentwhisper.penclubportugues.org>

Notícias dos Comités

Comité dos Escritores na Prisão (WiPC)

Este Comité, sediado em Londres, continua a monitorizar cerca de meia centena de casos por mês e a apelar para que os Centros em todo o mundo desenvolvam acções rápidas de protesto contra perseguições, aprisionamentos e assassinios de escritores e jornalistas, defensores e praticantes da liberdade de expressão. As notícias correntes são publicadas no blog Novidades (<http://novidades.penclubportugues.org>). As últimas notícias e apelos para acções podem ser lidos no site do PEN Internacional <http://www.internationalpen.org.uk>

Presidente: Marian Botsford Fraser (mbf@internationalpen.org.uk)

TS

Comité dos Escritores para a Paz (WfPC)

Este Comité, sediado em Bled, reúne anualmente nesta cidade eslovena. Foram este ano delegados do nosso Centro, de 24 a 28 de Março, Teresa Salema (também como Vice-presidente internacional) e Francisco Belard, cujos textos podem ser lidos na respectiva secção do nosso site. Alguns relatórios de participantes no encontro foram publicados no blog <http://permanentwhisper.penclubportugues.org>.

Foi realizado um encontro internacional de escritores em Haifa, subordinado ao tema “Words beyond Borders”, tendo contado com escritores de diversas proveniências.

Presidente: Edvard Kovács (edvard.kovac@guest.arnes.si)

TS

Comité das Mulheres Escritores do PEN Internacional

As iniciativas deste Comité, cuja nova Presidente é Kadija George (ipwwcommittee@googlemail.com), são referidas no blog Terra Incognita (<http://terraincognita.penclubportugues.org>). Todas as sócias podem enviar pequenos textos (até 1500 caracteres) para lá serem colocados.

TS

Comité de Tradução e Direitos Linguísticos

Este Comité, sediado actualmente em Barcelona, teve o seu encontro anual nesta cidade nos dias 17 e 18 de Junho. Nele participaram Teresa Salema (TS), Maria João Reynaud, Maria do Sameiro Barroso (MSB) e Francisco Belard, tendo as primeiras apresentado comunicações, respectivamente em inglês, francês e inglês. Sobre o encontro veja-se a breve nota redigida por TS e MSB, bem como as minutas enviadas pelo presidente do Comité, Josep Maria Terricabras (josepm.terrivas@udg.edu).

Traduzido por TS e MSB, foi incluída no blog do Comité (<http://proximidade.penclubportugues.org>) a versão portuguesa da fábula *O Pombo Bravo*, do escritor uyghur Nurmuhemmet Yasin, que cumpre uma pena de prisão na China.

TS

Textos do Tempo

David Mourão-Ferreira: Relatório final das sessões literárias do 55º Congresso Mundial do PEN Club

Ao longo de cinco sessões literárias e quatro mesas redondas (o que totaliza nove, como o número das musas), debruçou-se este 55º Congresso Mundial do Pen Club sobre diversos e multifacetados aspectos do tema “Língua e Literaturas: Unidade e Diversidade”, que reuniu aqui, nesta bela e acolhedora ilha da Madeira, cerca de duzentos escritores provenientes dos mais variados pontos do globo. Sublinhe-se, antes de mais, que se tratou do primeiro congresso mundial organizado pelo Centro Português do Pen Club, e graças á iniciativa da direcção presidida pelo grande poeta Pedro Tamen. Refira-se, logo em seguida, que o mencionado tema tinha previamente surgido do acordo entre o Centro Português e a Direcção Internacional do Pen: por essa decisão, sentem-se os escritores de língua portuguesa particularmente gratos, já que era previsível virem as sete literaturas que na nossa língua se exprimem e naturalmente assumir, como de facto aconteceu, um lugar privilegiado no decurso das comunicações e dos debates. Não houve, assim, de forma alguma, o suspeito propósito, por parte do anfitrião, de exhibir ao visitante esses sete diferentes espaços da sua casa verbal, mas antes o de corresponder ao generoso interesse que o próprio visitante começara por manifestar. Bem hajam, pois, todas as delegações estrangeiras pelo cavalheiresco modo como demonstraram afinal conhecer-nos melhor.

Mas será acaso legítimo falar de anfitrião e de visitante, de nacionais e de estrangeiros? Não se declara acaso, e com toda a limpidez, logo no nº 1 da carta Internacional do Pen, que “a literatura, embora possa ter uma origem nacional, não conhece fronteiras”? E foi, efectivamente, o que de modo exaltante aqui se verificou. Tal como desta vez foi possível, até a nós próprios, conhecermo-nos melhor, outras ocasiões houve, outras haverá, em que nos enriquecemos e nos enriqueceremos com o conhecimento dos outros – ou do Outro que também nós somos -, na certeza de que a diferença começa logo dentro de cada um para justamente se atenuar, ou desaparecer, no fecundo convívio entre todos.

Ora este foi precisamente, explícito ou implícito, um recorrente motivo – um autêntico *leit-motiv*, até em sentido musical – na harmoniosa polifonia das inesquecíveis reuniões que tiveram aqui lugar. Através dele a atenção foi-se concentrando, ora na delucidação de emparelhados conceitos que mais directamente diziam respeito ao tema geral – Língua e Literatura Nacional, Literaturas e Línguas ditas Minoritárias, Humanismo e Diferença Linguística, Literatura e Saber Linguístico, Literatura e Autonomia -, ora na oportuna discussão de mais amplas realidades que o configuram – Direitos e Liberdades do escritor, o Eixo Norte-Sul -, ora ainda em afortunadas exemplificações mais circunscritas – Os Universos Pessoais -, ora

finalmente em torno de uma das supremas figuras emblemáticas, no nosso tempo, da própria dicotomia e da diversidade: a de Fernando Pessoa.

Se este último ponto proporcionou – através das densas e brilhantes intervenções de Ana Hatherly, José Augusto Seabra, José Guilherme Merquior, Robert Bréchon – inovadoras perspectivas sobre a obra do poeta, em certos casos mesmo revolucionárias, e se no geral se caracterizou pelo registo do mais penetrante e actualizado saber, tão-pouco em outras sessões tal registo deixou de superiormente se patentear, como ocorreu, por exemplo, nas comunicações apresentadas por Norma Tasca, V. Y. Mudimbe, Eduardo Prado Coelho, Helder Macedo, Josef Peter Strelka, Manuel Veiga, Henri Lopes, Oswaldo Osório. Mas houve também, em saboroso contraste, o flagrante e vivo testemunho de experiências pessoais; e, aqui, segundo me parece, os escritores africanos levaram a palma a quase todos os demais, desde os angolanos Pepetela e Uenhenga Xitu ao *extraterritorial* William Sassine, da Giné Conacry, e, sobretudo, ao moçambicano José Craveirinha. Numa flutuante fronteira entre a expressão de um saber e a comunicação de uma experiência, se situaram, por seu turno, um Manuel Ferreira, um Costas Assimacopoulos, um Michel Alimex, uma Benedita Damasceno, uma Ursula Heinze, um Erich Wolfgang Swawara, um Chongerai Hove, um Helder Proença, uma Vanessa Droz Martinez, um Theo Vincent, um Njabulo Ndebele. E onde colocar os brasileiros Zora Zeljan ou António Olinto, o galego Alfredo Conde, a nigeriana Buchi Emecheta? Lugares especiais, bem definidos, merecem-nos, em contrapartida, a moçambicana No´«emia de Sousa, ou a canadiana Louise Gareau-Des Bois, pelos seus comovedores depoimentos; o português Almeida Faria, pela concisão e clareza da sua exposição; Evgueni Evtushenko e E. M. de Melo e Castro, pela forte afirmação das suas personalidades; o sueco Per Wästberg, pelo humanismo das suas considerações e propostas; e, *last but not least*, Eugénio Lisboa, quer pela qualidade ética e literária da comunicação que apresentou quer pela vivacidade e pertinência com que animou muitos dos debates. Paralelamente às sessões literárias e às mesas redondas, houve ainda a ocasião de memorar três autores de raízes madeirenses: o romancista John Dos Passos, que foi competentemente evocado pelo norte-americano David Sanders; o poeta Edmundo de Bettencourt, cujo percurso e cujo perfil se viram admiravelmente iluminados por Fernando J. B. Martinho; e o poeta Cabral do Nascimento, cuja obra me coube a mim próprio aflorar. Se por acaso me esqueci de nomear alguém, os involuntariamente omitidos que me desculpem.

Mas não terá sido mais importante a orquestra do que propriamente cada um dos executantes? Inevitável, no entanto, que a memória dos assistentes particularmente tenha retido alguns solistas; ou alguma das suas execuções. Pela minha parte, e no que respeita ao problema central da viabilidade da existência de múltiplas literaturas através de uma única língua, arriscar-me-ei a destacar desde já a afirmação proferida pelo congolês Henri Lopes de que “as línguas europeias que actualmente se falam em África – o espanhol, o francês, o inglês, o português – já deixaram de ser em África línguas estrangeiras”, afirmação que aliás veio confirmar esta outra, anteriormente

produzida pelo luso-moçambicano Helder Macedo; a de que “o tempo das ressacas colonialistas já passou”. No que à língua portuguesa especificamente respeita, observara ainda Helder Macedo que “cada escritor de língua portuguesa *pertence* a todos os domínios da língua portuguesa”, enquanto Manuel Ferreira, depois de recordar que “as literaturas africanas de língua portuguesa são as mais antigas que no continente africano se produzem”, viria por outro lado a concluir que “a língua portuguesa já não tem padrões”. Nesta mesma ordem de ideias, haveria depois outro português de preconizar, como altamente desejável, uma crescente e recíproca mestiçagem do nosso idioma.

Mas o mais exaltante foi assistir-se, por parte dos próprios escritores africanos de língua portuguesa, a uma unânime concordância em relação àqueles pontos de vista e, sobretudo, à expressão, também unânime e inequívoca, do seu desejo de nessa língua continuarem escrevendo. Embora de modos diferentes, e alegando até diversas razões, todos o afirmaram: Pepetela, Uenhenga Xitu, Manuel Veiga, Oswaldo Osório, Helder Proença, Noémia de Sousa, José Craveirinha. E foi tão mais emocionante ouvi-lo – ouvi-los – quando todos sabemos o que uma clara opção deste género significa e implica, tratando-se, como se trata, de escritores que naturalmente poderiam escolher entre o português e qualquer das línguas originais dos seus países e quando igualmente nos lembramos destas palavras escritas há mais de meio-século pelo francês Valéry Larbaud: “Uma língua literária, enriquecida por uma longa tradição, torna-se uma absorvente e tirânica amante; ela agarra o seu homem por inteiro e não suporta quaisquer rivais.” Por meu lado, acrescentarei: que esta amante seja a língua portuguesa, justamente aquela a que Afonso Lopes Vieira chamou, como tive ensejo de aqui recordar, “sempre dona e perpétua donzela, nobre de passado senhorial e crioula em todas as latitudes”, eis o que sem dúvida aumenta as perspectivas de um pleno amor.

Todos os amores têm porém os seus revezes; e sobre todos pairam latentes ameaças, inquietantes perigos. Melhor que ninguém, José Craveirinha o lembrou aqui, no respeitante ao futuro da língua portuguesa no seu país, e em palavras que logo mereceram, da parte de Eugénio Lisboa, a apresentação da moção seguinte, imediatamente aprovada. Passo a lê-la, não sem antes sublinhar que o problema central aí referido se reposta à aflitiva carência de qualificados professores de língua portuguesa:

“Tendo ouvido, com atenção e emoção, o aviso sério, feito pelo escritor moçambicano José Craveirinha, relativo ao perigo do desaparecimento em que se encontra a língua portuguesa, em Moçambique e, provavelmente, em outros países africanos de expressão portuguesa, face a hegemonias que se desenham, vindas de sectores conhecidos – pense-se que no período de uma geração a Tanzânia, ex-colónia alemã, se tornou num país de língua oficial inglesa -, proponho que este aviso e o apelo também feito pelo escritor sejam levados ao conhecimento das autoridades competentes, com o pedido de que sejam tomadas as possíveis medidas adequadas á

defesa da permanência da língua portuguesa naqueles territórios.” Helder Macedo, por sua vez, propôs que, no respeitante às autoridades competentes, fosse acrescentado: “de Portugal e do Brasil.” Quanto a Portugal, Senhor Presidente da República, não pode a mensagem, desde já, ficar mais bem entregue. Quanto ao Brasil, certos estamos de que não deixará de a transmitir, ou advogar, o embaixador José Guilherme Merquior.

Impossível resumir, no presente relatório, todos os demais assuntos tratados neste congresso. Mas, para alguns deles, nomeadamente os que se referiram aos direitos e liberdades do escritor – que sempre são, também, direitos e liberdades do leitor, direitos e liberdades de todos nós –, bem como para o que respeita a determinadas preocupações latentes em muito do que no congresso foi dito ou sugerido, creio que poderemos encontrar uma epígrafe adequada nestas palavras proferidas exactamente há duas décadas pelo mexicano Octavio Paz:

“Em matéria linguística ninguém é proprietário. Pois bem, todos temos direito a falar, mas muito poucos podem fazê-lo através dos meios de comunicação. Mais ainda: não só não nos deixam falar como também querem obrigar-nos a que escutemos os mesmos slogans, as mesmas mentiras, as mesmas imbecilidades. As empresas capitalistas ou os governos confiscaram a função linguística – o falar, o ouvir, o responder – e num monopólio a converteram. [...] A linguagem é social, mas os meios de comunicação não são sociais. Esta é a fundamental contradição.”

De tal contradição, tão ou mais actual hoje que no tempo em que Octavio Paz a denunciou, têm os escritores, por natureza, uma aguçada sensibilidade, uma irritável consciência. É que tal contradição constitui nos nossos dias, mesmo nos países livres e democráticos, um dos mais sérios obstáculos àquele “princípio da livre circulação das ideias dentro de cada nação e entre todas as nações”, a que especificamente se refere o nº 4 da Carta Internacional do Pen. Razão de sobra, pois, para que da preocupação que ela nos causa não deixemos tão-pouco de dar conta a quem sabemos que nos entende.

Finalmente, prezados companheiros, escritores nossos semelhantes e nossos irmãos vindos até nós de tão diferentes partes do mundo, bem claro ficou aqui, através de diversos mas convergentes testemunhos, que o nosso ofício, como o disse um dia a narradora italiana Natalia Ginzbourg, “nunca é uma consolação nem um devaneio”, antes uma dominadora actividade que nos obriga a “servi-la sempre que o exige”, mas que se trata, simultaneamente, acrescentou ela, do “mais belo ofício que existe no mundo”.

Funchal, 12 de Maio de 1990
David Mourão-Ferreira

Eixos do Mundo

Abdelmajid Benjelloun (Presidente do Centro do PEN de Marrocos)

Escritor, poeta e historiador marroquino, nascido em Fez em 1944. Doutor em Direito Público pela Universidade de Casablanca. Membro da Casa de Poesia de Marrocos e professor na Faculdade de Direito de Rabat. Presidente do Centro marroquino do PEN, eleito após a morte de Abdelkébir Khatibi. Publicou romances, ensaios sobre a história contemporânea de Marrocos e numerosos aforismos, dos quais damos aqui a ler alguns inéditos.

Fragments rageurs prématurés

Ou l'ourdissement de la soif sur l'été sorcier

La danse de la flamme à l'intérieur de cette lampe est bien plus érotique que celle de cette célèbre danseuse orientale.

Mes mains vivent sans moi une odyssee de compréhension avec le ciel.
Et avec le silence.

Je pars pour la nuit, avec mon seul bagage d'étoiles froides qui orientent mes utiles cécités.

J'ai ramené d'un long silence
Toute une ville blanche
Sous les chaleurs d'une passante
Si éloignée de l'amour.

L'oiseau dans son envol sait Dieu sans religion.

Au détour de mots qu'il ne faut pas trouver, je me retrouve dans une mort courte comme une petite mer dont les vagues se pétrifient une seconde sur deux.

Comment peut-on soutenir le regard de notre mémoire lorsqu'un de nos proches meurt ?

Chaque matin, avant de sortir à la ville catatonique, faussement mobile, je dois pouvoir me procurer une mort en moi, pour y passer le restant de mon silence.

Le monde entier appartient à un mot pris au hasard; n'importe lequel.

Je voudrais faire un poème sur le déclin d'une avalanche,
sur un saint butinant un silence
sur la mort de mon frère dilué sur tout l'univers
sur un scandale pour une affaire de gros sentiments;

je voudrais faire un poème sur la ressource d'aimer
gagnée à petites gouttes sur l'immensité de la mer.

Je me fais le bon plaisir d'accorder ma respiration à celle du monde avant de
trouver une place où garer mon être emporté dans des voitures mortes, et où le
vent ne courbe plus les arbres.

J'aime les alentours de la femme, ses restes de parfum et par dessus tout,
l'espace qu'elle traverse sans y penser le moins du monde. J'aime m'y blottir et
j'aime sentir ses limites quasiment de silence féroce.

Combien d'enfances fermentées
me séparent de ma mort ?
Combien de femmes non ressenties me préoccupent le corps ?
Combien de vies parallèles n'auront-elles pas échappé à l'espace immédiat de mon être
diffus
dans l'univers ?
Combien de pèlerinages blancs
j'aurais accomplis dans la profondeur
de l'ondulation du vivre ?

Moi qui voulais tant mourir près d'un lion
qui dévore une gazelle
je suis encore entre les mains sales d'une lavandière.

Un homme tout en intelligence vaine, place un ogre noir comme gardien autour
de chaque mot qu'il prononce, de peur qu'il ne le trahisse.

Si les hommes ne reviennent pas de la mort, c'est qu'ils s'y plaisent.

A la bibliothèque du matin je prends un miroir à jeun à même l'air pour
regarder le ciel.

Je suis le galérien des passantes qui sentent tout le temps le sable des plages de
l'hiver.

Je remplis patiemment ma vie d'un corps qu'on dit mien, et qui aurait pu être un
caillou du monde, une main de l'horizon.

Il se réveille le matin reposé comme un oubli pour aller endormir ses angoisses
et ses doutes au travail.

Alberto Nessi (Centro PEN suíço-italiano e reto-romano)

Alberto Nessi nasceu em 1940 em Mendrisio. Publicou poemas e romances e é membro da direcção do Centro do PEN suíço italiano e reto-romano. O romance de que publicamos um excerto na língua original gira em torno da figura e da época de José Fontana, conterrâneo do autor e de ascendência portuguesa pelo lado da mãe, bem como de contemporâneos do mesmo como Antero de Quental e Eça de Queirós.

Excerto de La prossima settimana, forse (Bellinzona: Edizioni Casagrande, 2008)

Lo chiamano Sant'Antero, come il cacciatore di draghi della mia infanzia. Anche se quand'era all'università di Coimbra si rivolgeva con aria di sfida all'Onnipotente, orologio alla mano, in mezzo ai compagni di studio, e nella notte gridava con voce di tempesta: - Vecchio Despota, se è vero che ci sei, ti do cinque minuti per fulminarmi!

Ci troviamo da lui quasi ogni giorno, in rua dos Fanqueiros, oppure andiamo da Jaime, su in una traversa del Barrio Alto. Stiamo lì a tramare e sotto di noi si sente tagliare un asino. Mi piace, Antero: capelli e barba sono cespugli di rovi e gli occhi bacche lucenti. Ha qualcosa di puro e di tenace. A trovarlo vengono anche Eça de Queiroz e Santos Valente. Ieri Santos ci ha recitato una poesia in latino e siamo rimasti a bocca aperta, anche se il latino no ci piace perché è la lingua dei prelati. E lì vicino ci sono proprio due canonici, furiosi perché le nostre discussioni non li lasciano dormire.

Il santo ci racconta le sue avventure. Prima, a Parigi a fare il tipografo perché ha voluto vedere come vivono les travailleurs: nella tipografia di un giornale parigino ha conosciuto Michelet, lo storico. Michelet è il suo idolo. Poi mi racconta di quando è stato in America: il presidente Abramo Lincoln è stato assassinato perché è per l'emancipazione degli schiavi. Noi chi siamo per l'emancipazione dell'uomo.

Verso mezzanotte lasciamo i canonici e l'asino, nel giardino di São Pedro de Alcântara le palme sussurrano. Il buio è interrotto da qualche fanale a gas. A me pare di sotto lo stellato la tigre Lisbona. Ce ne andiamo fino a Prazeres, fuori dal centro. Su e giù, sulla groppa della tigre. Là, non ci sono spie. Si può tramare, seduti su una panchina. La prossima settimana, forse...

Poi gli occhi della tigre vincono le tenebre, i fiori si fanno attenti, cominciano a schiudere le loro corolle. Allora il santo ci legge un suo sonetto che parla del sole: "il chiaro sole, amico degli eroi". Una notte se l'è presa con una statua di marmo emersa dal buio, ancora illuminata dalla fiammella di un lampione. Ha invitato la statua a unirsi alla lotta. Antero parla con i morti, si sa. Scaldato dal ginepro, quella volta si è lasciato infiammare dalla vena poetica e ha invocato Omero.

- Padre dei poeti, noi veniamo da Luso, figlio di Venere, - ha esclamato, - la nostra città, Ulixbona, à stata fondata dal tuo Ulisse. Ora comincia per noi una nuova Odissea!

Omero, certo. Ma il suo preferito si chiama Charles Baudelaire. Ha sempre in tasca un suo libro. Gli ha dedicato un'ode, una delle sue poesie sataniche, e ce l'ha declamata. Io guardavo lungo i muri del cimitero e vedevo le sagome dei cipressi alzarsi nel buio. Poi ha detto la poesia dell'ucello marino che segue la nave, cade sulla tolda e viene deriso dai marinai perché ha perso tutta la sua grazia: il poeta. E mentre diceva quella poesia alla notte, gli occhi del santo splendevano sopra il cespuglio della barba.

(P. 42-44)

Informações

Sessões realizadas pelo PEN

Lisboa

Ciclo A Cidade e a Escrita (na biblioteca do Goethe-Institut)

22 de Março – João Barrento e Etelvina Santos conversando sobre a obra de Maria Gabriela Llansol e o espaço que lhe está dedicado em Sintra

26 de Abril – Maria João Cantinho conversando sobre a obra de Sophia com Teresa Amado e Frederico Lourenço

21 de Maio – Maria João Cantinho conversando com Fernando Pinto do Amaral sobre a obra de Luís Miguel Nava

21 de Junho – Filipa Melo conversando com Hélia Correia e Helena Barbas a propósito do romance *Adoecer* e dos Pré-rafaelitas

29 de Novembro – Maria João Cantinho conversando com João Barrento, a propósito dos 70 anos da morte de Walter Benjamin e da publicação do volume *O Anjo da História*.

A cada sessão seguiu-se um jantar de convívio.

Ciclo “Poesia e Liberdade”, organizado por Maria do Sameiro Barroso, na Biblioteca-Museu da República e Resistência

12 de Outubro – Manuel Canaveira sobre Manuel Teixeira-Gomes

2 de Novembro – Helena Barbas sobre Mário Cesariny

6 de Dezembro – José Manuel Mendes sobre Manuel Alegre

Porto

Ciclo A Palavra sobre a Palavra

27 de Fevereiro – Maria João Reynaud conversando com Fernando Echevarría

Encontros com tradutores de Poesia

12 de Março – Maria João Reynaud e Arnaldo Saraiva conversando com Albano Martins

Segunda Antologia de autores do PEN

Onde o Traço principia – Literatura e Ambiente

Antologia de Literatura Portuguesa Contemporânea

Esta antologia destinou-se sobretudo a representar autores do nosso Centro no Congresso e Assembleia Geral anual realizada em Tóquio, de 25 de Setembro a 1 de Outubro, e está também à disposição dos nossos sócios (com as quotas em dia) na sede do Campo dos Mártires da Pátria, podendo ser entregue nos jantares de convívio ou mediante solicitação através do endereço geral@penclubportugues.org

Assembleias Gerais

Realizámos a assembleia geral ordinária em 8 de Março e a Assembleia extraordinária para revisão dos estatutos, esta concluída em 19 de Abril. A versão aprovada dos estatutos (bem como dos regulamentos de funcionamento da Assembleia geral e da admissão, suspensão e exclusão de sócios) será colocada no nosso site, logo que tenha sido publicada no DR.

Forum Saramago

Após o falecimento de José Saramago, foi aberto um forum a todos os centros do PEN para que os colegas em todo o mundo pudessem expressar-se sobre o nosso Prémio Nobel e escritor de dimensão universal.

Envio de textos (até 6 linhas) para geral@penclubportugues.org

Acção de protesto contra a não atribuição do nome de José Saramago

Iniciada em 19.7.2010 com uma carta endereçada ao presidente da Câmara do Porto, esta acção prossegue para quem ainda queira aderir com a sua assinatura. Ver carta e assinaturas em <http://graphias.penclubportugues.org>

Último jantar de convívio antes das férias no Clube de Jornalistas

Teve lugar no dia 21 de Julho e nele foi distribuída a segunda antologia do PEN “Onde o Traço principia – Literatura e Ambiente”, bem como feito o ponto da situação do trabalho do PEN e abertas perspectivas futuras.

Pen Clube Português

Campo dos Mártires da Pátria, 37
1169-016 Lisboa

Site (em remodelação): www.penclubportugues.org

E-mail: geral@penclubportugues.org